

Dinheiro em excesso alimenta especulação

ROLF KUNTZ

42

José Varela/AE

Há dinheiro suficiente para um Natal mais gordo e para uma animada especulação com ouro e dólar. Se o presidente em exercício, Itamar Franco, realmente quiser baixar os juros, terá de escolher outro momento. A direção do Banco Central (BC) não se mostra disposta a relaxar o jogo. Controlar o dinheiro em circulação continua a ser, enquanto não sai a reforma fiscal, o meio mais importante de frear a inflação. Sua política é sustentar os juros e gastar alguns dólares para amansar especuladores.

Até dia 11 o dólar paralelo valorizou-se 12,4%. O ágio em relação ao comercial subiu de 9,9% no início do mês para 16,2% nesta quinta-feira e 15,6% na sexta. O ouro subiu 11,6%, na Bolsa Mercantil e de Futuros, e até as Bolsas de Valores voltaram a dar sinais de vitalidade. A alta do índice Bovespa, 7,9% neste mês, pode ser moderada, mas também é sinal de dinheiro em excesso.

Está jorrando moeda em dezembro. A Previdência está pagando Cr\$ 23,6 trilhões em benefícios, o funcionalismo público receberá o 13º salário e o BC garante à Caixa Econômica Federal um socorro diário de uns Cr\$ 11 trilhões. Além disso, o ingresso de dólares continua maior que a saída, graças ao comércio. Um balanço provisório, até dia 10, mostra um saldo de US\$ 385,1 milhões, resultante, quase exclusivamente, de vendas de US\$ 998,4 milhões pelos exportadores e de compras de US\$ 613,9 milhões pelos importadores. As compras e vendas financeiras praticamente se anularam: US\$ 485,4 milhões e US\$ 484,8 milhões, segundo números do Banco Francês e Brasileiro. O superávit cambial resulta em emissão de cruzeiros para absorção dos dólares pelo BC.

A criação de moeda também responde à maior procura de recursos nesta época do ano. As empresas têm mais pagamentos para fazer e os consumidores transformam poupança em dinheiro vivo para as compras de Natal e os gastos de férias.

Junte-se a tudo isto um ambiente propício à especulação e estará criada, para o BC, uma vistosa coleção de problemas.



Itamar Franco

Se não fosse um motivo, seria um bom pretexto

Em primeiro lugar, espera-se um repique da inflação, embora moderado. Em segundo, o Tesouro voltou a ser deficitário em novembro. Em terceiro, discute-se uma reforma tributária no Congresso. Um dos alvos da reforma é o setor financeiro. Em quarto, há uma nova política econômica em gestação. As linhas divulgadas pelos ministros, até agora, são basicamente ortodoxas. Não justificam grande reação defensiva. Mas Itamar Franco, por suas reações impulsivas e declarações desastradas, preocupa. O presidente em exercício deverá tornar-se presidente efetivo, talvez dia 23, se não houver surpresa na votação do impeachment. Então nascerá a sua política econômica, não necessariamente a dos ministros.

Em quinto lugar, qualquer pretexto é bom para especulação, se houver dinheiro para isso e a expectativa de um ganho extra. A resposta do BC tem sido sustentar os juros, contra a tendência do mercado, e vender dólares para conter a disparada do paralelo e do ouro. No fim, a queima de reservas acaba sendo benéfica, do ponto-de-vista monetário — se não for excessiva. Reservas incomodam quando aumentam muito depressa. Quando faltam, porém, não há incômodo: há um desastre.